

**Q**UANDO O TELEFONE tocou na mesa de Matteo De Santis\*, o policial de 28 anos escutou por um instante e depois caminhou rapidamente até o escritório do chefe, num edifício de concreto e vidro à prova de balas ao sul de Roma.

Rino Monaco, novo chefe do Servizio Centrale Operativo (SCO) – a po-

\*O nome foi alterado por razões de segurança

lícia de elite italiana – desejava vê-lo imediatamente.

– Estou reunindo uma equipe para missão de prioridade máxima na Sicília – explicou Monaco, naquela manhã de outubro de 1994. – Você gostaria de voltar lá?

De Santis ficou surpreso. Acabara de passar alguns meses na ilha, onde ajudara a localizar um chefe da Máfia.

– Qual é o trabalho? – replicou De Santis.

# ENQUADRANDO 'O PORCO'

A polícia italiana fechou o cerco para prender Giovanni Brusca, um dos chefões mais violentos da máfia

CHRISTOPHER MATTHEWS



Giovanni  
Brusca



– Giovanni Brusca – disse Monaco.  
– Encontrá-lo e trazê-lo.

De Santis arregalou os olhos. Todos na Itália sabiam quem era Brusca. E todos os policiais italianos o tinham em listas dos mais procurados.

APELIDADO *U VERRU* – *O Porco* – por suas maneiras aterradoras, Giovanni Brusca matara 50 pessoas, incluindo o poderoso empresário Ignazio Salvo. Destruíra a balas todo o rosto de Salvo, com exceção de um olho, testemunho da personalidade sádica e da habilidade com armas.

Brusca foi um dos 475 mafiosos investigados pelo juiz Giovanni Falcone e levados ao chamado “Maxijulgamento”. Mas foi liberado em virtude de um detalhe técnico, quando se esgotou o período legal de dois anos em que um cidadão italiano pode ficar encarcerado antes da condenação. Quando a sentença foi proferida, Brusca havia desaparecido.

Não deixaria de se vingar dos magistrados que tentaram enviá-lo à prisão. Na tarde de 23 de maio de 1992, quando Falcone chegava do aeroporto de Palermo em um comboio de três carros blindados, centenas de quilos de explosivos ocultos sob a estrada detonaram.

A explosão fez mais do que matar Falcone, sua mulher e três dos guardacostas. Demonstrando que ninguém estava além do poder da Máfia, o homicídio aturdiu e humilhou todos os representantes da lei no país. Por intermédio de um informante, a polícia soube que o polegar de Brusca apertou o botão do controle remoto.

San Giuseppe Jato, vilarejo de

montanhas 30 quilômetros ao sul de Palermo e feudo da família de Brusca há gerações, era o lugar lógico para começar a caçada. De Santis sabia que não podia haver vigilância normal. O tráfego local resumia-se a talvez um carro a cada 10 minutos, e a presença de um estranho seria detectada de imediato. Por sua vez, os veículos inobservados – geralmente caminhões dos correios ou furgões de entregas – passavam pela área não mais de quatro vezes ao dia. O máximo que De Santis poderia esperar era olhar de relance algum colega de Brusca durante passagem rápida de carro. Para evitar a menor suspeita, seria necessário usar um veículo diferente a cada vez.

Pouco após o estabelecimento da vigilância, em junho de 1995, os mafiosos de uma cidadezinha na saída leste de Palermo passaram a adotar elaboradas precauções de segurança. Enquanto caminhavam, examinavam a área ou verificavam seus reflexos em janelas de lojas. Ao dirigir, paravam e continuavam repetidamente, ou faziam abruptos retornos em 360 graus, cantando pneus.

De Santis enviou equipes de vigilância para a cidade. Também ocultou duas radiopatrulhas na saída da cidade – local cheio de curvas. Elas ficavam estacionadas a 300 metros de distância uma da outra.

No início de uma tarde, em fins de junho, De Santis estava no veículo de tocaia quando um Alfa Romeo com dois passageiros passou cautelosamente. *Batedores*, pensou. Estariam procurando obstáculos, como bloqueio policial. De Santis deixou-o seguir.



Em seguida, apareceu um pequeno Lancia vermelho. O coração de De Santis disparou. *Talvez o próprio O Porco!* Quando o carro passasse, seria encurralado. Repentinamente, o Lancia fez um retorno de 360 graus em alta velocidade e correu para as colinas. De alguma forma, o motorista farejara a armadilha.

Enquanto o carro se afastava, De Santis percebeu um homem gordo e barbado no banco de trás. Parecia ser mesmo *O Porco*. Estavam de volta à estaca zero.

No mês seguinte, dois capangas de Brusca foram vistos encontrando-se no curioso horário de 6 da manhã. Uma dupla de policiais seguiu-os para fora da cidade e observou-os enquanto desciam a estrada, mas precisou parar. Não havia cobertura, e continuar a acompanhá-los ficou fora de questão.

De Santis voltou ao local. A estrada ramificava-se numa confusão de trilhas, e nenhuma delas parecia levar a lugar específico. Se Brusca estivesse realmente se ocultando nas colinas, não seria possível rastreá-lo.

TERMINOU O VERÃO, veio o outono e o inverno começou. Desde que entrara na academia de polícia, aos 18 anos, De Santis nunca soubera de operação que tivesse durado tanto tempo. *Seja paciente*, pensou.

Sabia que Brusca visitaria a namorada, Rosaria Cristiano, morena bonita que lhe dera um filho, Davide, agora com 4 anos. Enquanto isso, De Santis dormia em cama de campanha, separado da mulher e do filho, que estavam em Roma. *Seja paciente*.

Foi quando apareceu oportunidade inesperada. Um mafioso de alto nível cooperou com a polícia e, durante o interrogatório, revelou que Brusca se mudara para nova casa, no subúrbio de Palermo.

Em 12 de janeiro de 1996, acompanhado por 150 policiais e dois helicópteros, De Santis cercou o local. Arrombaram a porta pintada recentemente, mas *O Porco* não estava lá.

De Santis ajoelhou-se e recolheu jornais espalhados na sala. Datavam de alguns dias antes. "Chegamos um par de dias atrasados!", exclamou, deixando os jornais cair no chão. Quase chorou.

### **De repente, o Lancia fez o retorno em alta velocidade - de alguma forma o motorista percebera a armadilha**

OS MESES DE TRABALHO paciente de De Santis não foram em vão. Brusca fora desentocado e começara a fugir. Apesar de toda a esperteza, logo passara a cometer erros. Especialistas em mafiosos preparavam-se para a caçada.

No quartel da *Squadra Mobile* (equipe SWAT) no centro de Palermo, Lorenzo Gentile\*, 31 anos, forte, perfil bonito e barba negra, analisava os relatórios policiais mais recentes. Ele era o número dois da seção de elite *Catturandi* da *Mobile*, cujo trabalho era rastrear e prender criminosos foragidos.



*O Porco é esperto*, pensou Gentile, mascando a ponta de um feio cigarro toscano apagado. *Mas ele depende de muita gente. E nesse ponto é vulnerável. Se vigiarmos os peixinhos e tivermos sorte, eles nos levarão ao peixe grande.*

Houve avanço poucos meses depois, quando a polícia de Palermo prendeu Salvatore Cucuzza, mafioso à moda antiga que se recusou a falar. No entanto, seu caderno de telefones o fez.

“Que tal isso?”, Gentile apontou para a seção I-J que começava com IGN. Era possível que Cucuzza conhecesse Ignazio Traina, supostamente braço direito de Brusca.

O número estava em código, porém o laboratório científico do departamento conseguiu decifrá-lo. Descobriram que o telefone fora desligado poucas horas após a prisão de Cucuzza.

Entretanto, a companhia telefônica italiana mantém registro de todas as ligações relacionadas a cada telefone celular. Eles ainda poderiam descobrir com quem Traina conversara. A impressão ocupou várias páginas e incluía centenas de números. Gentile e sua equipe começaram a verificá-los, um por um.

Os números correspondiam a mafiosos importantes e secundários, mas determinado telefone celular pertencia a uma camponesa de 82 anos no interior da Sicília, que mal sabia ler ou escrever. “Vou ativar um dispositivo de escuta para esse número imediatamente”, disse Gentile.

A equipe reuniu-se no escritório de Gentile para ouvir. A primeira chamada, retransmitida em alto-falante, pa-

recia ser sobre um grande contrato de obras públicas. Mas a senhora idosa tinha voz grave e indiscutivelmente masculina.

“Eu conheço esse sotaque”, exclamou um jovem detetive. “É de San Giuseppe Jato.” Alguém lembrou que havia gravação da voz de Brusca nos arquivos, da época do “Maxijulgamento”. Ela correspondia à da senhora.

Gentile mandou comprar champanha e biscoitos. “Encontramos *O Porco!*”, exclamou, exultante.

Entretanto, localizar um sinal de telefone digital é extremamente complexo. Foram necessários vários dias para que a equipe técnica trouxesse as boas notícias – e as más também. Havia rastreado a origem das chamadas de Brusca em Cannatello – cidade turística na costa sul da Sicília. Mas a localização exata estaria numa área de 1 quilômetro quadrado.

Gentile convocou seus dez melhores homens – camaleões profissionais que podiam ficar invisíveis e imóveis durante horas. Ocultos pela escuridão, assumiram posições disfarçadas em jardins, pomares e hortas em Cannatello.

Todos estavam equipados com óculos noturnos, telefones celulares e câmeras infravermelhas que podiam fotografar mesmo no escuro total. Qualquer casa de campo onde a luz estivesse acesa era considerada alvo.

Não havia possibilidade de deslocamento diurno. As refeições resumiam-se a sanduíches e refrigerantes, atirados por Gentile da janela de um carro de polícia sem identificação.

Enquanto isso, Gentile e sua equipe monitoravam as ligações de Brusca





**A figura de um  
homem grande e  
barbado apareceu  
na janela do térreo.  
Parecia ser  
'O Porco'**

dia e noite, cochilando nas mesas, esperando que *O Porco* traísse sua localização. Passou-se uma semana.

No domingo, 19 de maio, um dos vigilantes telefonou pouco depois das 11 horas da manhã. "Há uma criança brincando no jardim da Via Papillon, 34", comentou. Às 19 horas, telefonou outra vez. Havia silhueta corpulenta e barbada contra a janela do térreo. Parecia *O Porco*.

A equipe foi convocada para uma reunião de emergência.

"Acho que deve haver alguma forma", disse Gentile, esboçando seu plano. A equipe ficaria pronta para atacar e aguardaria que Brusca falasse ao telefone. Nesse instante, poderosa motocicleta passaria pelo nº 34. Se o telefone de Brusca captasse o som do motor, eles saberiam.

Precisavam ter certeza antes de agir: batida policial na casa errada espantaria a verdadeira presa.

ÀS 16 HORAS da segunda-feira, 20 de maio, dois furgões sem identificação estacionaram na rua paralela à Via Papillon. Em cada furgão, ocultavam-se 15 policiais com todos os equipamentos de combate. Gentile liderava



**Ao final  
da longa  
caçada,  
finalmente  
'O Porco' é  
algemado**



uma das equipes; a segunda ficou a cargo do próprio comandante. Não longe deles, num terceiro furgão, estava De Santis. Pouco mais afastada, havia força com 200 policiais, pronta para isolar a área quando a operação começasse.

– Testando, testando... – Gentile ajustou as conexões do rádio que o ligava aos outros furgões e ao quartel-general em Palermo.

– Ouvindo alto e claro – veio a resposta.

Gentile verificou então o dispositivo que monitorava o telefone celular de Brusca.

*18 horas.* A linha de Brusca estava em silêncio. Na sauna em que se transformara o terceiro furgão, a camisa de De Santis estava ensopada. “Prossiga”, incitou, “pegue o telefone”.

*19 horas.* Mais uma vez, Gentile verificou sua Beretta policial. Nunca precisara disparar a arma com raiva. Agora, rezava para que não fosse diferente.

*20 horas.* Ainda nada. *Será que algo*

*deu errado?*, perguntava-se De Santis. Silenciosamente, Gentile amaldiçoou *O Porco* e todos os mafiosos. “Pegue logo esse telefone.”

*21h15.* O monitor em frente a Gentile deu sinais de vida. Finalmente, *O Porco* estava na linha. Gentile falou com urgência ao monofone:

– Vá com a moto!

Um patrulheiro em roupas civis ligou a grande motocicleta japonesa e começou a se aproximar da casa visada.

Brusca continuava a falar, com o ruído da televisão ao fundo. *Não desligue!*, implorou Gentile silenciosamente.

Agora, a moto estava a 20 metros da casa. Dez metros... Cinco... De forma teatral, o patrulheiro acelerou. Como garantia extra de que a moto seria ouvida, haviam feito um orifício no cano de descarga.

“Certo, a gente se vê.” As últimas palavras de Brusca quase se afogaram com o barulho do motor.

– Vamos em frente – gritou Gentile ao microfone.



Uma equipe tomou a porta da frente, Gentile arrombou a janela do térreo, à esquerda, e outro grupo irrompeu pela janela no lado oposto da casa. Em meio à cascata de vidro quebrado e madeira, 45 homens, armados até os dentes e com os rostos cobertos com capuzes negros, tomaram a sala de visitas de Brusca.

*O Porco* descansava na poltrona, cercado por Rosaria, Davide, o irmão Vincenzo com a família e outro casal. Por um momento, ficaram estupefatos. O único som era o da televisão, que disfarçara a aproximação dos policiais. Então Brusca jogou o telefone celular contra a parede e disparou em direção aos fundos da casa.

Beretta na mão, Gentile alcançou-

o com poucos passos. Em segundos, doze policiais desabaram sobre ele. *O Porco* caiu no chão, com um grunhido abafado.

As mulheres gritavam e as crianças choravam. Com a algazarra, Gentile foi até a TV e abaixou o volume. Seus olhos se apertaram ao ver o filme a que estavam assistindo. *Que ironia!*, refletiu. *Giovanni Falcone* – a história do magistrado que Brusca matara. *Fim*, pensou Gentile ao desligar a televisão.

---

*Giovanni Brusca está encarcerado em uma das prisões de mais alta segurança na Itália. Os crimes que confessou deverão mantê-lo atrás das grades pelo resto da vida.*



### Exclusões celestiais

CONHEÇO UM PASTOR que usa liturgia-padrão em funerais. Para personalizar cada cerimônia, ele ativa o comando “localizar e substituir” em seu editor de textos. Em seguida, o computador localiza o nome do falecido no funeral anterior e o substitui com o nome do falecido seguinte.

Não faz muito tempo, o pastor pediu que o computador localizasse o nome “Maria” e o substituísse por “Edna”. Na manhã seguinte, o funeral estava sendo celebrado conforme o previsto até que a congregação entoou o Credo. “Jesus Cristo”, leram no programa impresso, “nascido da Virgem Edna.”

Robin Greenspan

UM CLÉRIGO FERVOROSO ESTAVA visitando uma igreja numa zona rural e iniciou o sermão com o seguinte aviso:

– Todo mundo desta paróquia vai morrer.

O evangelista ficou desconcertado ao ver que um homem na primeira fila sorria abertamente.

– Por que o senhor está com ar tão divertido? – perguntou-lhe.

– Não sou desta paróquia – respondeu ele. – Vim só visitar minha irmã este final de semana.

Roger Delahunty, Reino Unido